

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LETRAS

A PERSONAGEM FEMININA NO AMBIENTE FAMILIAR

Luciana Raimunda de Lana Costa



Pontes e Lacerda-Mt, junho de 2003

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

CURSO DE LETRAS

A PERSONAGEM FEMININA NO AMBIENTE FAMILIAR

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT
(Universidade do Estado de Mato Grosso) como requisito
final para a obtenção do grau de Licenciaturas em
Letras.

Orientadora: Nilsa Andréa dos Santos

Pontes e Lacerda-Mt, Junho de 2003.

Ao Rândel César, esposo amoroso e dedicado, que durante esses sete anos de convivência esteve ao meu lado, sendo testemunha dos meus sorrisos e lágrimas, amando-me e respeitando a cada instante.

MEU DEUS, ME DÊ A CORAGEM

Meu Deus, me dê a coragem
de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites,
todos vazios de sua presença.
Me dê a coragem de considerar esse vazio
Como plenitude.
Faça com que eu possa falar
Com este vazio tremendo
E receber como resposta
O amor materno que nutre e embala.
Faça com que eu tenha a coragem de te amar,
Sem odiar as tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo.
Faça com que a solidão não me destrua
Faça com que minha solidão me sirva de companhia
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saibaficar com nada
E mesmo assim me sentir
Como se sestivesses plena de tudo
Receba em teus braços
O meu pecado de pensar

(Clarice Lispector)

Entre tantas pessoas as quais sou grata, existem duas que merecem destaque: Râmela e Lara Inês, minhas filhas, pois continuaram me amando e aceitando o meu carinho de mãe, apesar da minha ausência, devido aos estudos. São vocês, minhas queridas, o motivo maior da minha luta pelo saber.

Agradeço, também, aos meus pais, Gumercino e Ivanilde por terem me proporcionado meio para formar meu caráter e ser quem sou. Vocês foram o exemplo concreto de vida que me inspirou e direcionou meu caminho.

Aos meus irmãos José, Fábio, Vanderléia, Valdete, Márcia, Amilton e Abílio, pelo amor e experiência que me proporcionaram.

À D. Edna, Dolores e Cidinha que me ajudaram e se tornaram minha mãe e irmãs, me ajudando com conselhos e superando nossas diferenças

À minha orientadora, Nilsa Andréa dos Santos, por ter me ajudado, no momento em que mais precisei dela. Obrigada pela paciência, dedicação e principalmente a responsabilidade e ética que sempre conduziu seu trabalho.

Às professoras - coordenadoras de estágio Cleunice e Mércia pelo apoio e amizade que transmitiram a mim. Não há palavras que possam expressar minha gratidão.

Aos professores de Curso, HÉlvio Moraes, Madalena

Machado, Welington Pedrosa, Ediliane Gonçalves, Tânia Nogueira e Cláudia pelo conhecimento dispensado ao longo do curso.

Obrigada pelo carinho e amizade que conduziram seus trabalhos.

Às amigas de curso: Marta, Érica, Josiene, Ilson, Claudinéia e Mercedes, pelos momentos difíceis e alegres que passamos juntos.

Pela amizade edificada ao longo dos quatro anos de curso.

Aos amigos de trabalho: Aurélia, Anderson, Cleide, Ritinha, Irene e Sônia, pela preocupação e força que me dispensaram nos momentos difíceis, sem vocês o caminho teria sido muito pesado. Obrigada, pelo otimismo e descontração desde o nosso conhecimento e por suportarem os meus defeitos cada dia de suas vidas.

À Eni, Ivoneide e Maria por terem me aceitado como irmã, e se tornado minhas confidentes.

Enfim, às pessoas que de uma forma ou de outra estiveram comigo por todo o curso e também pela vida, somando teoria e prática durante o aprendizado.

SUMÁRIO

Apresentação.....	08
A Personagem Feminina No Ambiente Familiar.....	10
Considerações Finais.....	28
Referenciais Bibliográficos.....	31

APRESENTAÇÃO

Conhecer a si e ao meio, é um trabalho que requer estudo, dedicação e uma mente aberta às inovações, ou seja, isenta de qualquer pensamento preconceituoso. Tudo isso é facilmente expresso pela maioria das ciências e pelas manifestações artísticas dentre elas, a Literatura, que trata do assunto de uma forma muito particular, enriquecendo de beleza e dinamismo, o tema proposto nesta discussão teórica

Observando tal fato, buscamos neste ensaio monográfico, estudar o submundo da consciência humana. Tendo como respaldo a filosofia Existencialista, de Heidegger, ao mesmo tempo buscamos na Literatura nosso objeto de discussão teórica que é a constituição da personagem “Ana” no universo familiar, do conto “Amor”, o qual é parte da obra intitulada “Laços de Família”, de Clarice Lispector. O tema escolhido tem como intuito compreender a problemática existencial da personagem de ficção, buscando relaciona-la ao ser real e concreto, o qual tem uma estreita coerência com o ser ficcional, isto é, o primeiro é criado a partir do critério da verossimilhança do segundo.

Este trabalho objetiva levar ao leitor uma possibilidade de leitura dos problemas que atormentam o homem, enquanto conta – se a saga da personagem Ana, provocando em quem ler este trabalho, uma volta para si próprio, no sentido de identificar – se como autêntico ou inautêntico. Incentivando, ainda, a visão desalienada do universo, embasada na pesquisa aprofundada dos motivos que levam o ser agir de uma ou outra forma.

Esperamos, ainda que sirva como apoio teórico aos discentes que se consomem de curiosidade em conhecer o ser enquanto personagem, em busca do existir. E que este objetivo no leitor uma reflexão de si e do mundo, pois analisar a personagem Ana e as obras de Lispector é como ela mesmo diz “é um coser para dentro”, é o voltar para si e para mundo na busca incessante de conhecer-se para conhecee reconhecer-se no outro.

A PERSONAGEM FEMININA NO AMBIENTE FAMILIAR

A existência humana aparece como tema para debates entre os pensadores desde os primórdios da história da humanidade. No século III antes de Cristo, o grandioso filósofo Sócrates escreveu sobre o homem direcionar seu pensamento para si: “conhece-te a ti mesmo,” (Apud PENHA, 2001: p. 12). Há que se pensar que conhecendo o próprio interior, este torna-se a base primordial para o homem conhecer o exterior, ou seja, o interior de outros indivíduos.

No sentido de existir o ser humano é plurifacetado, pois, molda a sua essência conforme a circunstância, evoluindo em aprendizagem na medida em que a informação lhe chega. Ao nascer/ existir o homem capacita-se a extrair de si os elementos (pensamento e linguagem) necessários à sua evolução; seja ela objetiva (o conhecimento do universo exterior e de suas ciências) ou subjetiva, o homem como princípio básico de conhecimento: “O sendo - ser torna-se de múltiplos modos, fenômeno.” (Apud, HEIDEGGER, 2000: 40). O fenômeno segundo Aristóteles, pode ser compreendido como a capacidade do indivíduo elevar o próprio espírito. Fazer da própria vida um mecanismo de aperfeiçoamento, conhecendo-se e compromissando-se a participar da sociedade a que se insere.

Partindo dessa concepção, vê-se a necessidade de identificá-la dentro da literatura, já que o homem é peça – chave na mudança dos conceitos sociais. Uma das obras literárias que demonstram essa volta do homem aos seus mistérios, é o conto “Amor” de Clarice Lispector. Nele, a personagem – protagonista, Ana, inventa para si um mundo solidificado em aparências. Esconde entre os serviços domésticos a necessidade de participar do mundo que a envolve. Até que em uma determinada tarde, ela sai para fazer compras e vê um homem

cego, mascarando chiclete. O que se segue no enredo é um profundo monólogo interior da personagem, que por vezes, demonstra pela paisagem e objetos que a cercam a intensidade de seus sentimentos, confrontando o mundo que ela própria criara (o das convenções), com o da autenticidade da vida.

A autora expõe pelo recurso literário, a essência humana através da personagem Ana, sendo, portanto imprescindível um estudo analítico da personagem para compreender até que ponto os sentimentos e descobertas do ser ficcional remetem aos do ser real.

Anos após o pensamento aristotélico e socrático, o Cristianismo aparece como forma de aperfeiçoamento da alma, lembrando ao homem de olhar para si, procurando os próprios defeitos, para depois analisar os demais. Longe, ainda, de ser a corrente existencialista, a ideologia cristã fornece uma breve idéia do que seria o pensamento denominado “Existencialismo”.

A doutrina filosófica a que se refere, nasceu na descrença do homem em encontrar caminhos para os próprios problemas. Baseia sobre tudo no “desespero” pós- segunda Guerra Mundial, afirma Penha (2001). Seus adeptos eram “rotulados” com adjetivos degradantes, devido ao fato de não pregar, tampouco se adequarem a moral daquele período.

Sartre aborda a doutrina existencialista com um olhar voltado para o homem em si mesmo, tanto que parte do pressuposto de “O Existencialismo é um humanismo.” (Apud, PENHA, 2001: p. 85). Pode-se pensar, portanto que humanismo aparece aqui para as questões íntimas e verdadeiras que circundam o homem em sua real composição, desprovido de pré - conceitos e moralismos extremos. Existencialista, é o ser que apreende a realidade concebendo que as verdades são muitas e as certezas poucas.

Vale ressaltar que dentre tantas outras formas de manifestações humanas, a Literatura aparece como mecanismo de expressão da sociedade existencialista, intermediando o homem (enquanto ser) e o mundo, seja por meio do cinema, teatro ou por obras literárias. Isto porque ela – a Literatura – “não é uma esfera segregada” (ROSENFELD, 2002), mas, sim, a reunião das opiniões críticas, referentes ao meio. Ou seja, a Literatura em diversos momentos de sua história, faz parceria com outras ciências, entre elas a Filosofia, para discutir a problemática existencial do homem:

...O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético... (FILHO, 2000)

O trecho a cima refere-se ao fato de Literatura e sociedade não se dissociarem, já que o ser humano faz dela – da Literatura – seu principal meio de expressão.

Uma das concepções existencialistas bastante frisadas na Literatura é a de Heidegger. Este filósofo- alemão, apesar de não reconhecer-se existencialista, concebe que o ser humano necessita desligar-se dos conceitos adquiridos ao longo da vida para encontrar o verdadeiro sentido da existência

O período literário que enfatizou melhor as tendências heideggerianas foi o Modernismo, caracterizado como reação aos conceitos pré – estabelecidos pelos movimentos anteriores, que de certa forma primavam pela métrica nas poesias e textos com começo, meio e fim.

A prosa moderna é livre dessas regras. Seus enredos nem sempre obedecem uma lógica de tempo e espaço, ao mesmo tempo que o narrador passa a

segundo plano e a personagem ganha voz e vez. Percebe-se tal afirmação no conto “Amor”, já que a sua narrativa é inteiramente organizada em forma de reflexão monológica, dando ênfase ao conflito interior da personagem Ana.

Muito além de ser apenas um estilo de escrita, o modernismo apresenta-se como um estado de espírito da sociedade, naquele período histórico. Nesse sentido a humanidade aparece a mercê da evolução tecnológica e científica representada pelas máquinas do século XX. Em outras palavras, na fase homérica, o homem é retratado de forma idealizada, considerando-se apenas seus grandes feitos. Distintamente da Literatura Clássica, na moderna, o ser humano ganha novo sentido, pois, é visto sem “máscaras”, seus defeitos são expostos numa trama cotidiana e massificada:

... O Modernismo acaba por definir, pois não apenas o novo, o moderno, e daí o nome, mas o autêntico, o nacional e até o popular (...) O modernismo é rico na medida em que é impuro, por isso mesmo... (SODRÉ, 1995)

Longe da arbitrariedade dos movimentos anteriores, o Modernismo traz à discussão, o estilo e as formas que a população compreende, sem métricas e regras extremistas, com uma linguagem que visa a comunicação rápida e expressiva.

Dentro das obras modernas brasileiras, estão as de Clarice Lispector, especificamente o conto “Amor” como já referimos anteriormente. Esse conto, encontra-se na obra “Laços de família”, que a julgar pelo título, sugere uma vida padronizada, isenta a qualquer inovação que possa suplantar o que se tem como moral em uma família, tal qual o conceito social no século XX sobre o comportamento humano. Assim diz Candido: “...O romance se baseia, antes de

mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.” (CANDIDO, 2002)

Sem a presença da personagem, a obra não existiria, já que esta é enriquecida por aquela: “...é porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza...” (ROSENFELD, 2002)

Há que se dizer que a personagem é o espelho de uma pessoa real. Reflete em suas características físicas e psíquicas, a complexidade humana por meio da verossimilhança. Ducrot e Todorov (1998) dizem a esse respeito: “As personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias de ficção.” (Apud BRAIT, 1998: p. 11)

Na Literatura moderna, a personagem aparece, em alguns momentos, para retratar os mistérios do ser humano nos limites da razão, questionando as verdades absolutas e soluções definitivas no que se refere aos problemas que atormentam o homem. Assunto este, há tempos discutido por –como já dissemos– Martin Heidegger. No conto moderno “Amor”, o homem (na figura de Ana) é retratado com aspecto direto e objetivo, isso porque os fatos são narrados de forma mais curta que nos romances. É neste sentido que J. Berg Esenwein fala sobre o tamanho do conto: “O conto é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e uma só personagem principal...” (Apud GOTLIB, 1987: p. 60)

É importante ressaltarmos que, segundo Gotlib, o conto necessita ser pequeno, para que o leitor não perca a totalidade da história e o sentido das “entrelinhas”. Para que lendo de uma só vez, o leitor alcance o clímax do tema proposto.

Em Clarice Lispector, além do conto obter tudo quanto mencionamos, ganha ainda uma característica própria, pois seus textos "...devassam o submundo da consciência, (MARIA, 1992). Ou seja, nos contos de Clarice, somos levados ao nosso interior contando com um contexto ficcional simples e doméstico. Assim, é retratada a personagem Ana do conto "Amor." Toda a sua "crise" existencial se passa num ambiente familiar – ficcional, demonstrando que Ana é uma pessoa comum, que tem medos e angústias, e que convive com tais sentimentos procurando entendê-los tal qual uma pessoa real, no mundo também verdadeiro.

De uma forma rápida, como é caráter do conto, a escritora põe em questionamento o livre arbítrio do ser humano. Ana possui uma liberdade ilusória, percebemos isso até mesmo pelo título da obra "Laços de família." Ao pensarmos em laço, lembramos daquilo que prende, amarra e não permite sair.

Os laços (e os afetos) aproximam e apertam: unem e aprisionam. Laços e Coleiras: conviver é uma arte, um exercício puro, um desafio do dia – a – dia. Às vezes uma farsa. Na vida da personagem Ana, o laço que a prende é a família em especial, a figura masculina: "...O homem que casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros..." (LISPECTOR, 1998). A família aparece como fator satirizante e irônico na obra, para ressaltar que Ana não havia feito escolha alguma ao se casar, mas, sim, tenta se convencer do contrário, de que o caminho que seguira era o certo, o verdadeiro. O próprio fato de haver na narrativa várias repetições da mesma idéia, comprova que Ana repete para si, que aquela vida "verdadeira e sumarenta" (LISPECTOR, 1998) era a ideal para se viver, independente de haver felicidade ou não.

Da mesma forma aparece a relação de Ana com o marido, pois o amor sugerido pelo título do conto, também nos faz pensar que Ana não possuía

liberdade interior. Pois, em nenhum momento da narrativa é enfatizado o relacionamento homem x mulher. Aparece sim, o amor à liberdade que Ana não possuía, por viver em função dos filhos e do marido, sem reconhecer-se como pessoa. “Criara em fim uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.” (LISPECTOR, 1998) Percebe-se na fala a cima, uma certa necessidade da personagem em convencer-se de que era feliz na vida matrimonial. Que esquecer-se dos próprios desejos era natural. E que o seu destino era determinado por outrem. “...Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado...” (LISPECTOR, 1998) Ana aparece na trama ficcional como um ser- no- mundo, como afirma Heidegger. Ou ainda, uma pessoa “inautêntica”, termo este usado por Aranha sob a ótica existencialista- metafísica heideggeriana: “...O homem inautêntico é o que se degrada vivendo de acordo com as normas dadas; ...” (ARANHA, 1992)

Observemos a seguinte parte do conto: “... Como um lavrador ela plantara as sementes que tinha nas mãos, não outras, mas essas apenas...” (LISPECTOR, 1998), o trecho anterior demonstra que Ana percebia o mundo, apenas com o que lhe era imposto, não buscava outras fontes, ou caminhos para descobrir as verdades, das quais comunga. Remete, ainda a idéia de que a personagem percebe a vida de uma ótica factual, em que as coisas são lhe dadas e não podem ser modificadas.

Incapaz de ver o mundo com sua própria ótica, a personagem Ana deixa-se conduzir (moralmente) pela opinião alheia, em especial pela do marido. Procura nos deveres domésticos uma forma de ausentar-se aos próprios compromissos, sociais e particulares, como pessoa ou ainda, como mulher: “...Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto...”

(LISPECTOR, 1998) Ana faz do serviço doméstico e rotineiro um mecanismo de fuga, para não ter que admitir que, na verdade, sua vida é edificada no medo de assumir seus pensamentos e sentimentos.

Segundo Heidegger, no início do processo de conhecimento o indivíduo necessita isolar-se a fim de colocar-se em questionamento. Quando fala-se em questionamentos, diz-se sobre repensar as estruturas pré – concebidas como: o sentido da vida, a origem humana, o que pode ser verdade das convenções sociais: “...Enquanto a pedra é e assim será sempre, o homem existe e a partir de então define o que deverá ser,” (PENHA, 2001: p.57) Ana sentia medo de ficar só e ter a oportunidade de questionar-se. Obter a chance de quebrar com a vida “certinha” e massificada que construía para si: “Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força inquietava-se.” (LISPECTOR, 1998)

O próprio Heidegger fala sobre essa questão do pensamento quando diz: “Pensando o homem é ele mesmo, sendo outro.” (HEIDEGGER, 2001) e frisa necessidade de isolamento dizendo:

Provocados a pensar por um pensamento que também é nosso, por ser de todos, que tem algo a nos dizer de nós mesmos, somos enviados à viagem de retraimento de um horizonte que, longe de nos repelir nos atrai e arrasta. (HEIDEGGER, 2001)

Em outras palavras o ser humano necessita distanciar-se dos demais, para ser o próprio objeto de estudo, partindo da consciência e elevando-se até o desvendamento do ser em si mesmo, através do que Heidegger chama de questionamento: “Todo questionamento é uma procura...” (HEIDEGGER, 2002). Ana encontrava-se só, no Jardim Botânico quando começou a observar o mundo a

sua volta, por meio de uma introspecção psicológica: “A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava a respiração. Ela adormecia dentro de si.” (LISPECTOR, 1998) Não é difícil pensar-se que essa “vastidão” e “silêncio”, tão frisados pela narrativa, aparece para simbolizar a medianidade da vida de Ana, na qual a personagem encontra segurança e tranquilidade. O termo “adormecia” aparece aqui, para ratificar que a personagem possui atos de uma pessoa real, e que questiona-se buscando a própria autenticidade de sentimentos e atos.

O conhecimento interior exige o isolamento devido ao fato de que estando acompanhado por uma ou mais pessoas o “ser” transpassa uma imagem que não é a sua própria. Diz e age conforme lhe convém. Devido a sociedade a sua volta, demonstra-se “inautêntico”, no sentido de ser “mais um”, submetido às normas vigentes. Este fato compromete a sua originalidade de vida fazendo-o “mergulhar no anonimato.” (ARANHA, 1992)

A sociedade que impõe, condena à facticidade, e faz com que o “ser” se degrade na sua essência está representada no conto, pela personagem Ana, que mantém-se na neutralidade dos fatos. Imersa na superficialidade dos acontecimentos, Ana permite que a família tome decisões por ela, como que imperceptível à vida e ao próprio contexto: “Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela. _ Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar estouro, respondeu ele sorrindo.” (LISPECTOR, 1998) Pela citação a cima percebe-se que Ana representa seu papel de esposa, no baile da vida, cuidando de tudo e de todos. Se submete a tais atos, sem que para isso, seja necessário o máximo de esforço do marido.

Esse esforço obsessivo de Ana, parece colocá-la numa “segurança,” que repulsa ou reprime as manifestações que seriam propriamente suas. Bloqueada em

termos de iniciativa e decisões pela autoridade do marido; cabe a mulher, isto é, a personagem Ana, o mundo do lar, a que se dedica excessivamente, pois é dele que depende seu equilíbrio interior.

A família é a marca em relação a facticidade do ser entendido pela personagem de ficção, Ana. “Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos...” (LISPECTOR, 1998) Os parentes de Ana concebem que tudo e todos estão bem, pois até aquele momento nada saíra da “normalidade convencional”. Não importa que Ana esteja vivendo um embate existencial, desde que não discorde das opiniões e regras familiares. “Amor”, denuncia a sociedade machista, que concebe como ideal a mulher que “ouve” e “não fala”, fazendo parte das pessoas inautênticas. Dessa alienação nascem desejos insatisfeitos, sensações de vazios que não são visíveis pela falta de diálogo com outros mundos que permitem estabelecer relações de comparações.

Antes de ver o cego mascando chicletes e a cesta de ovos se romper, Ana era um ser perdido, que está na medianidade dos fatos. A vida e seus acontecimentos passam pela personagem, sem que esta questione a razão delas: “Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha...” (LISPECTOR, 1998) A visão do cego desencadeou momentos de devaneios e êxtase, invadindo perigosamente a rotina de Ana; provocando vôo, uma transcendência fugaz.

O que se pode dizer, então, é que o ser inautêntico não reconhece a própria identidade, e sua existência está perdida em meio a “massa humana”, sem uma visão clara dos fatores que fazem com que a sociedade e a própria vida,

sejam dessa ou daquela forma. Vale lembrar que a hipocrisia do ser inautêntico, na maioria das vezes, está relacionada com o fato do referido ser, possuir interesses particulares a serem alcançados. Uma promoção no trabalho, garantir a imagem de pessoa honesta, estes e outros interesses fazem com que o ser humano comporte-se como se usasse uma “máscara” para cobrir o que existe em seu íntimo: “Ana dava a tudo, tranqüilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.” (LISPECTOR, 1998) A máscara de Ana aparece camuflada na “vida de adulto”, que a personagem cria para si. Ou seja, Ana transmite a imagem de mulher equilibrada e centrada, mantenedora de um casamento sólido e feliz. Fato este que possibilita à personagem uma vida também estável.

Ao sair do meio da coletividade o “eu” em questionamento torna-se livre da vida cotidiana, e ainda das convenções que possam oprimi-lo, conduzindo-o a facticidade e a ruína. Esse ser que busca o aprendizado na reflexão, alcançando-o e praticando-o torna-se autêntico: “...O homem autêntico é aquele que se projeta no tempo, sempre em direção ao futuro...” (ARANHA, 1992). Esse trecho leva a refletir que autêntico, aparece aqui, para o ser que expõe suas idéias e as defende, pois, reconhece a base dual da vida: emitir opiniões sobre os fatos ou aceitá-los com resignação. Pode – se dizer, ainda que a autenticidade é adquirida mediante a atitude que se toma ao sentir – se jogado no mundo, sem que para isso lhe tivesse sido feito qualquer questionamento sobre aprovar ou não a sua vinda, ou seja, a autenticidade nasce da posição que se toma frente a própria vida.

A personagem Ana fornece indícios para crer que ela desejou essa autenticidade, mas teve medo de assumi-la: “...Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe a garganta...” (LISPECTOR, 1998) A náusea aparece como situação- limite. É o último sintoma

de que Ana desejou e até mesmo conseguiu desprender-se de seus “mitos e tabus”. Logo adiante a personagem – protagonista cede a pressão social: “...O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha ... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles...Tenho medo, disse...”(LISPECTOR, 1998)

A descoberta do novo horizonte, em que se enquadra o sentido da vida provoca no indivíduo em estudo uma “queda”, como defende Kierkegaard: “...a vertigem prefigura a queda – salto qualitativo do estado de inocência ao estado de pecado – e resolve-se na dialética do espírito...” (Apud NUNES, 1992: p. 112)

Há que se dizer, portanto, que tal “queda” surge da passagem do estado de ignorância para o de descoberta. Ou seja, a queda é relativa ao conhecimento. Em um momento, o indivíduo segue sua vida normalmente, come, bebe, dorme, trabalha sem se preocupar de fato com a sua existência. De repente, por um motivo ou por outro, passa do estado de alienação para o de inquietação, e é a isso que Kierkegaard denomina “queda”, e Heidegger de “angústia”. O sentimento epifânico da personagem é marcado pela visão do cego mascando chicles: “...Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.” (LISPECTOR, 1998) Ora, o homem em sua cegueira conseguia enxergar ironicamente o sentido da vida, melhor do que Ana , provida da visão. Possuía, por assim dizer, uma clarividência do mundo: “O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir...” (LISPECTOR, 1998) Por mais que o fato de estar cego remetesse a tristeza e ao abandono, o homem age sem demonstrar tais sentimentos . Segue seu caminho sem que ninguém o guie.

Apesar de não ser muito comum ver um cego mascando chiclete na rua, como se nada o perturbasse, o deficiente visual faz o que deseja despreocupado

com qualquer conceito estabelecido em torno da sua não - visão: "... Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos..."(LISPECTOR, 1998). O cego é a representação concreta do que Heidegger chama de "ser autêntico", já que o homem deixa explícito o seu posicionamento diante da vida, ou seja, o seu ato de mascar goma remete a idéia de que o personagem antagonista não se importa que alguém o observe, age de acordo com o que acredita e deixa que as outras pessoas formem seus conceitos.

Outra função importantíssima do cego é ser o desencadeador da epifania na personagem Ana. Pois, tudo leva a crer que ao vê-lo a personagem – protagonista se projeta em pensamento, na vida que deseja ter e por conveniência limita-se apenas idealizar: "...Na fraqueza que estava tudo a atingia com um susto;..." (LISPECTOR, 1998) O cego passa a ter tanta importância quanto Ana na trama ficcional, pois, somente com a sua presença é que acontece o clímax na obra.

O cego constitui o mediador entre o cotidiano de Ana e a aventura da descoberta, o revelador da intimidade latente dos sentimentos embotados de Ana. Ele - o cego - é o símbolo de impacto com as verdades de Ana, isto é, ele faz Ana descer ao seu inferno pessoal, culminando no rompimento da vida neutra da personagem, e que é simbolizado pelo romper da rede de ovos: "...O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. (LISPECTOR, 1998) Antes de tudo, o cego no conto é uma ironia a cegueira interior de Ana, isto é, o cego se apresenta em antítese a Ana, pois, enquanto a personagem – protagonista se conserva na medianidade dos fatos, a antagonista se posiciona enquanto ser humano pensante.

Descobrir os próprios medos e a realidade em volta do ser implica no que Heidegger denomina “processo de angústia”, edificado no verdadeiro questionamento, e, logo, no conhecimento de si. Martin Heidegger coloca também que a epifania é o estado ideal do homem, pois:

... a angústia revela o ser para poder ser mais próprio, ou seja, o ser – livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo. A angústia arrasta a pre – sença para o ser – livre... (HEIDEGGER, 2002).

Na angústia o homem transcende a própria existência em busca da autenticidade. Eleva o seu ser e faz a própria vida e a do seu semelhante algo melhor, “... nela reside a possibilidade e a necessidade de individuação mais radical...” (HEIDEGGER, 2002). Angustiada, reconhecendo – se perdida Ana busca essa transcendência: “Vários anos ruíam, as gemas escorriam...” (LISPECTOR, 1998). Significativamente, as “gemas amarelas” são metafóricas e simbólicas, pois o ovo indica surgimento da vida. A ênfase feita na cor amarela pode sugerir clareza, luz. O verbo “escorriam” transmite a idéia de que a vida lhe escorre/ surge com clareza, depois de avistar o cego. Essa concepção é confirmada quando o narrador diz que Ana estava: “...Expulsa de seus próprios dias...” (LISPECTOR, 1998). E mais, ainda, no Jardim Botânico, Ana se põe a observar até mesmo os pequenos movimentos a sua volta:

... A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia seu cheiro adocicado...

(LISPECTOR, 1998)

Como se renascesse, a personagem passa a prestar atenção em coisas corriqueiras, mas que antes da rede de ovos se romper, não percebia. A partir do momento em que Ana reconhece-se um ser presente no mundo, que faz diferença, as pessoas em volta também a reconhece. "... Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto." (LISPECTOR, 1998) O porteiro reconheceu-a somente depois que ela mesma se reconheceu como pessoa.

Estando o homem num processo de interiorização, tende a revisitar seu passado e projetar seu futuro para assim melhorar o presente. Ana possui algumas reminiscências: "...Sua juventude anterior parecia – lhe estranha como uma doença de vida..." (LISPECTOR, 1998) Essa fala faz pensar que Ana abandonou algum projeto, no passado em prol da vida "estável" que possui. E a lembrança de tal projeto, renasce com uma força grandiosa fazendo – a se questionar quanto ao próprio destino. O marido de Ana trata-a com mais respeito e até mesmo surpresa ao vê-la com um comportamento de compromisso consigo: "Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago." (LISPECTOR, 1998) O filho se assusta com o abraço da mãe, comprovando o que anteriormente se falara, a afetividade no conto é apenas uma camuflagem para a omissão de Ana perante o mundo e suas particularidades.

Benedito Nunes (1992) explica que a epifania do indivíduo é o aspecto primordial para fazer com que o ser em questionamento mantenha – se sempre em vigilância de si e do meio, usando para isso o pensamento inquiridor: "...A angústia situa –nos no mundo que se torna infamiliar e inóspito (UNHEIMLICH). Angustiar – se é não mais nos sentirmos em casa." (NUNES, 1992). Isso leva a refletir que o ser angustiado não se sente tranqüilo, quanto a si e ao mundo em sua

volta. Na obra essa insegurança é marcada pela lembrança de Ana: “Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar ...” (LISPECTOR, 1998) Essa lembrança da personagem aparece longínqua, como se o ambiente familiar já não tivesse nenhuma importância para a personagem.

O sentimento de agonia e perda que o “Dasein” possui, existe devido a concepção social de que o “diferente incomoda”, ou seja, o “ser – no – mundo” mantém – se na neutralidade dos fatos por conceber que é difícil fugir das normas estabelecidas, é também mais fácil seguir os pensamentos e idéias alheios do que lutar pelos próprios, já que isto, requer oposição à sociedade. Supõe – se que Ana desista da vida rotineira a que se submeteu e busque os sonhos da juventude. Tal ato obriga – a abandonar a vida de doméstica (inautenticidade) e enfrentar o marido e os filhos que cobram a sua postura de mãe e esposa, rumo à autenticidade.

O sentimento de angústia que Heidegger refere – se, está ligado a responsabilidade, que a liberdade interior requer. A este respeito Simone Beauvoir, escreveu: “Ser livre não é ter o poder de fazer não importa o que, é ultrapassar o dado para um futuro aberto,” (Apud ARANHA, 1992: p. 324) Esta citação prova que a liberdade requer a responsabilidade de modificar os fatos e atos que o ser discorda. Se livre, Ana teria que “quebrar” com a máscara de mulher honesta e preservadora dos “bons costumes”, realizando – se como mulher, seguindo os próprios impulsos, pois, ser livre é antes de tudo sair da “mesmice” e elevar a atualidade insatisfatória em um futuro real e exemplar:

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com

suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam – se luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. (LIPECTOR, 1998)

Para expressar esse momento epifânico na personagem, o conto faz com que Ana se espelhe nos elementos do parque. Desumanizando – se a personagem demonstra no concreto o que lhe acontece no íntimo.

Ao tomar consciência do aspecto dual de si, ou seja, a autenticidade e inautenticidade, o “ser” em questionamento vê – se diante de dois caminhos, segundo Heidegger, superar a angústia ou continuar na medianidade. Ana reconhece os dois caminhos: “...Como se soubesse de algum mal – o cego ou o belo Jardim Botânico ?...” (LISPECTOR, 1998) Escolhe o segundo caminho que é a inautenticidade heideggeriana. A personagem passa por um momento epifânico, mas permanece perdida na monotonia e indiferenciação da vida cotidiana. Neste sentido, percebemos que esses momentos explodem, numa ação momentânea e fugaz, pois os afazeres domésticos chamam – na à realidade de dona – de – casa.

O próprio fato do conto ser narrado pela terceira pessoa comprova que Ana não se concebe digna em falar do assunto. Ou por outra ótica, que a personagem não tem coragem de falar da própria covardia, em não ter se assumido enquanto mulher na sociedade:

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E estremecendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava – a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! Pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja...” (LISPECTOR, 1998)

Entre o conflito de continuar sendo inautêntica e tornar – se alguém “dona dos próprios passos”, Ana decide tornar – se uma pessoa hipócrita, ou seja, alguém que pensa de uma forma e age de outra. “... Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.” (LISPECTOR, 1998) Toda aquela descoberta que Ana fez passa a ser tratada como algo pequeno que apenas surgiu, mas não é digno de ser lembrado.

Vale lembrar que a dúvida instaurada pelo cego, é totalmente apagada pelo marido de Ana que tem o papel de dono até mesmo dos pensamentos da esposa, proibindo – a de seguir os próprios ideais: “...Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás , afastando – a do perigo de viver.” (LISPECTOR, 1998) No momento em que Ana começa a se reconhecer como pessoa é “podada”, pela figura masculina, e levada (convenientemente) a servi-lo, esquecendo-se da própria vida.

Num processo verossímil, Lispector usa a personagem para retratar os seres “inautênticos” que Heidegger se referiu em suas obras. A autora usa da praticidade do conto, para por em questão as “verdades” que as instituições sociais pregam, e que servem apenas como escravidão e alienação para o ser humano.

Ana, do conto “Amor”, aparece como exemplo de uma sociedade corrompida pelo dia – a – dia, que assim como as máquinas, trabalha sem voltar – se a própria essência. E que, ainda, não reserva um espaço para a busca de si, cede a pressão do meio social.

Dentro do ambiente familiar, que é uma farsa – de equilíbrio frágil e precário, Lispector faz do seu conto uma espécie de “lente de aumento”, para que lendo, o leitor (especialmente a mulher) se visualize na trama e retire dela, o aprendizado necessário, para melhorar sua vida.

A autora faz com que a leitura se torne, além de entretenimento, informação. Reunindo uma filosofia de vida (a existencialista) e Literatura aproxima ainda mais, o real e o ficcional. Provoca a mudança de comportamento estruturada na interiorização. Em outras palavras, faz com que o ser/leitor modifique sua visão de mundo por meio de si próprio, tendo respaldo apenas, em seus pensamentos/ questionamentos interiores. Pois, estes, estão inertes a qualquer convenção social que possa oprimir – los ou julgá – los.

No conto “Amor,” a personagem Ana se configura entre o nada fazer e o tudo – a – fazer, depara com o assemelhável, o cego. E este acaba por fazê – la definir seu destino de mulher, que é amar, perdoar, se resignar e aprisionar no silêncio do ambiente familiar, que a esmaga e a leva à morte interior, para preservar os “laços de família”, e que são baseados no “Amor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos antes de qualquer consideração que o nosso trabalho não está pronto e acabado, e o tema proposto, pode ser enriquecido e até mesmo analisado por outra ótica.

Em se tratando de atender ou não as questões existencialistas, divulgadas pelo filósofo alemão Martin Heidegger, “Amor”, de Clarice Lispector, deve ser considerado um marco importante, pois retrata o universo feminino e contexto familiar.

A narrativa traz formas do comportamento humano, exemplificado na personagem Ana, que são comuns e têm referências no homem real. Possibilita ainda ao leitor uma busca dos próprios atos e até mesmo uma revisão da própria vida.

“Amor”, antes de ser uma obra literária, aparece como mecanismo de expressão social, no sentido de provocar em quem o leia, uma ampla reflexão da vida e dos conceitos que comunga e perpetua sobre o ambiente familiar, os quais são os “laços” afetivos que prendem a mulher a este ambiente.

Percebemos, ainda, nas “entrelinhas” que a sociedade por vezes obriga o “ser” a comportar – se como inautêntico, mesmo que não concorde com o que vê e vive. Ana é o maior exemplo disso, pois passou por um momento epifânico, mas, o contexto familiar, que está sob a autoridade do homem, provoca na personagem uma morte figurada do que ela “Ana” acredita.

Ana passa por uma circularidade em busca da própria essência, pois ela sai de um estado de alienação passa pelo de inquietação e retorna à vida rotineira, isso porquê o contexto obriga – a voltar para a vida inautêntica, apesar de ter alcançado fugazmente o conhecimento necessário a sua transcendência.

A contribuição máxima desse trabalho é despertar no leitor, assim como despertou em mim, que a verdade não é apenas uma. Que cada situação tem que ser visto por uma determinada ótica. E que o ser humano reage diferenciadamente às decisões, pois a dúvida é uma característica natural do indivíduo. Mas que nem sempre o ser deve prolongar suas decisões, já que a sociedade não considera tais diferenças e exclui a pessoa que não se adequa aos seus padrões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução a filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 9. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1988.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. 3. São Paulo: Ática, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- _____. *Ser e tempo*. Parte I. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. Amor. IN LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rocco. Rio de Janeiro: 1998.
- MARIA, Luzia de. *O que é conto*. 4. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o poético – filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Ática, 1986.
- PENHA, João da. *O que é Existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- ROSENFELD, Anatol. *Literatura e personagem*. IN CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. Perspectiva. V.II. 10. São Paulo. 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 9. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.